

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA EM INOVAÇÃO – CEPI

**Bate-papo | Educadores e Internet**

# **Mesa 5. Como criar atividades sobre cultura digital?**



## FICHA TÉCNICA

Bate-papo | Educadores e Internet  
Mesa 5. Como criar atividades sobre cultura digital?

### **Autores:**

Guilherme Forma Klafke (CEPI FGV Direito SP)  
Veronica Cannatá (Colégio Dante Alighieri)  
Mariana Ochs (EducaMídia)

**Transcrição:** Grupo Steno

### **Edição e revisão do texto:**

Deíse Camargo Maito (CEPI FGV Direito SP)  
Guilherme Forma Klafke (CEPI FGV Direito SP)

Este produto é resultado do projeto “**Formação de Educadores em Direitos Humanos Digitais**”, realizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação – CEPI FGV Direito SP e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR – NIC.br.

## EQUIPE DO PROJETO

### **Coordenação:**

Marina Feferbaum (CEPI FGV Direito SP)  
Kelli Angelini (NIC.br)

### **Líder de Pesquisa:**

Guilherme Forma Klafke (CEPI FGV Direito SP)

### **Pesquisadora:**

Deíse Camargo Maito (CEPI FGV Direito SP)

São livres para fins não comerciais o download, cópia e distribuição deste arquivo. Também está autorizada a reprodução parcial do texto, desde que sem alterações e com citação da fonte.



Este documento é uma transcrição dos debates acontecidos no Bate-papo | Educadores e Internet, um evento online de três dias, de 07/06/2021 a 09/06/2021, composto por seis mesas que trataram sobre diversos assuntos de interesse dos educadores. O evento é uma realização da pesquisa “**Formação de Educadores em Direitos Humanos Digitais**”, realizada pelo CEPI em parceria com o NIC.br.

A quinta mesa do evento teve como tema-norteador “**Como criar atividades sobre cultura digital?**” e foi composta por:

**Moderador: Guilherme Forma Klafke (Líder de projetos e pesquisador do CEPI FGV Direito SP).** Doutor (2019) e Mestre (2012-2015) em Direito Constitucional pela Universidade de São Paulo. Professor do programa de pós-graduação lato sensu da FGV DIREITO SP. É colaborador da Sociedade Brasileira de Direito Público desde 2011, onde coordenou a Escola de Formação Pública (2017). Foi professor de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (2017-2018). Coordena e desenvolve pesquisas nas áreas de Direito Constitucional, Jurisdição Constitucional, Ensino Jurídico, Ensino Participativo, Direitos Humanos Digitais e Filosofia do Direito.

**Participante: Veronica Cannatá (Cordenadora e professora de Tecnologia Educacional no Colégio Dante Alighieri).** Professora de pós-graduação do Instituto Singularidades no curso Metodologias ativas para uma educação inovadora. Doutoranda em Educação: Currículo (PUC SP). Mestra em Educação pela UMESP. Pós-graduada em Sistema de Informação. Licenciada e bacharel em Ciências Sociais. Membro da ABPEducom. Participou do Grupo de Experimentações em Ensino Híbrido, parceria entre o Instituto Península e a Fundação Lemann. É educadora-referência em Ensino Híbrido. Autora do capítulo sobre a Gestão Escolar no livro Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação.

**Participante: Mariana Ochs (Coordenadora do EducaMídia).** Designer, jornalista e especialista em tecnologias na educação. É coordenadora do EducaMídia, o programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, e também Google Innovator e



Trainer, atuando na formação de educadores e na aproximação entre a escola e a cultura digital. É co-autora do Guia da Educação Midiática, publicado em 2020. Em todas as frentes, busca explorar o papel da criatividade na educação e o uso ético e fortalecedor das mídias como forma de inclusão social e fortalecimento da democracia.

As demais mesas do evento foram as seguintes:

**Mesa 1. Como elaborar um currículo para cultura digital?**

Mediadora: Marina Feferbaum (CEPI FGV Direito SP)

Expositoras: Débora Garofalo (SEDUC-SP) e Lúcia Dellagnelo (CIEB)

**Mesa 2. Como implementar um currículo para cultura digital?**

Mediadora: Grace K. Gonçalves (Colégio Miguel de Cervantes)

Expositores: Herbert Lima (Secretário da Educação de Sobral/CE), Rodrigo Nejm (SaferNet Brasil) e Guilherme Alves (SaferNet Brasil)

**Mesa 3. Como envolver a comunidade para formação em cultura digital?**

Mediadora: Rosa Lamana (SEDUC SP/EFAPE)

Expositoras: Renata Ferraz (Fundação Lemann), Taís e Roberta Bento (SOS Educação)

**Mesa 4: Como formar cultura digital de maneira inclusiva?**

Mediadora: Daniela Costa (Cetic.br | NIC.br)

Expositores: Rodrigo H. Mendes (Instituto Rodrigo Mendes) e Eliane Leite (Uzoma Diversidade, Educação e Cultura)

**Mesa 6: Como proteger a comunidade escolar contra violações de direitos no ambiente digital?**

Mediadora: Kelli Angelini (NIC.br)

Expositores: Karolyne Utomi (Kaosu e Rigopoulos Sociedade de Advogados), Maíra Bosi (Instituto Alana) e Pedro Hartung (Instituto Alana)



## MESA 5. COMO CRIAR ATIVIDADES SOBRE CULTURA DIGITAL?

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Olá a todas e todos. Vocês estão no Bate-papo Educadores e Internet. Meu nome é Guilherme Klafke, eu sou líder de projetos no Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da Fundação Getúlio Vargas, da Escola de Direito aqui de São Paulo.

A gente vai discutir hoje, nesta tarde, um pouco de como criar atividades sobre cultura digital nas escolas. Esse é um evento correalizado pelo NIC.br e pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da GV, e ele se volta a discutir um pouco sobre o tema da cultura digital e dos direitos humanos digitais. A justificativa para esse evento não podia ser mais atual. A BNCC não apenas trouxe a cultura digital como uma competência transversal a ser trabalhada em todos os níveis, e o ensino superior já começou a trazer, também, o letramento digital como uma competência a ser desenvolvida, mas a pandemia, ela também aumentou o nosso contato com a tecnologia. O nosso uso, seja como educadoras, educadores, seja como alunos, estudantes e familiares desses estudantes. E a gente não pode negar que educadoras, educadores, gestoras, gestores são fundamentais nesse processo.

Esse evento, ele está sendo realizado no âmbito do nosso Projeto de Formação de Educadores em Direitos Humanos Digitais, um projeto realizado pela FGV e pelo NIC.br, com coordenação da Kelli Angelini e da Marina Feferbaum, e a gente procura discutir um pouco sobre como inserir esses direitos humanos digitais também na discussão sobre letramento e tecnologia, alfabetização digital. A gente vai botar, ao longo da conversa, alguns detalhes esse projeto para quem estiver assistindo.

Antes de apresentar as nossas super convidadas, eu só queria ressaltar que as manifestações expressadas pelas pessoas neste evento, elas não representam necessariamente a posição da FGV ou a posição do NIC.br, são opiniões próprias dos



autores e das autoras.

Para apresentar as nossas convidadas de hoje para discutir como realizar essas atividades, a gente vai ter a Verônica Cannatá, que é coordenadora de tecnologia educacional aqui no Colégio Dante Alighieri, de São Paulo. Ela é mestra e doutoranda em educação e é professora do programa de pós-graduação do Instituto Singularidades, no curso de Metodologias Ativas, onde ela tem uma disciplina, inclusive, sobre cidadania digital na sala de aula conectada. Então, vamos discutir um pouco com ela aqui. E a Mariana Ochs, coordenadora do EducaMídia, um programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, *Google Innovator* e *Trainer*, atuando na formação de educadores, na aproximação entre escola e cultura digital, além de ser designer, jornalista, especialista em tecnologias de educação.

Então, a gente está superbem acompanhado aqui de pessoas com bastante experiência em trabalhar em sala de aula, as tecnologias, criar essas atividades, fazer formação de professores, e a gente vai ter uma boa conversa sobre isso.

Gostaria de começar, então, com a Verônica, para contar um pouco sobre esse trabalho de concepção de atividades, Verônica. Então, se você quiser comentar um pouco como é que vocês fazem no colégio, como é que você também ensina e forma os professores sobre isso. Você tem os seus minutinhos. Obrigado.

**PARTICIPANTE: VERÔNICA CANNATÁ:** Muito obrigada, Guilherme. Agradeço o convite, a oportunidade do diálogo com a Mariana, e é sempre bom fazer parte desses momentos de reflexão.

Eu vou pedir licença para compartilhar a minha tela.

O que me atraiu muito a dizer sim para esse convite é que ao invés de estar aqui para teorizar sobre as questões da cidadania digital, da cultura digital, o convite do



Guilherme foi que eu trouxesse exemplos de como a gente cria atividades que abordem a cultura digital lá no Dante. E a primeira pergunta que a gente sempre se faz é: Onde é que está a cultura digital no currículo do Dante? Na BNCC, a gente localiza, mas no Dante, onde é que ela está? O Dante, para quem não conhece, é um colégio privado, é um colégio que completa 110 anos. Ele atende da educação infantil ao ensino médio. Nesse momento, nós estamos no formato híbrido, com parte dos alunos no presencial e parte dos alunos também no on-line. O Dante sempre foi um colégio que investiu muito em tecnologia. Claro que eu estou falando de uma realidade de uma escola privada, que tem todas as condições, mas sempre nos preocupou, assim, a responsabilidade dos alunos e dos professores no uso da tecnologia.

Quando a gente olha para as competências gerais, e a número 5 ali é a competência “cultura digital”, é muito interessante que ela vem logo depois da competência “comunicação” e antes da “autogestão”. Então, o nosso currículo, ele vai trazer a abordagem da cultura digital, mas olhando para as dez competências gerais.

Nós temos um componente curricular, que se chama STEAM-S, do acrônimo de ciências, tecnologia, engenharia, arte e matemática, e o Dante traz o S, de social. Isso quer dizer que a forma transversal como nós abordamos as TDICs, as tecnologias da informação e da comunicação, perpassam por esse acrônimo. Essa disciplina, ela está embasada pelos eixos cultura e cidadania digital, pensamento lógico computacional, cultura *maker*, letramento financeiro e empreendedorismo social. Todas as aulas, nós começamos com essa representação e a gente vai destacando para o aluno qual é o eixo que será trabalhado nessa aula, nessa sequência de didática.

Caminhando para a parte do currículo... Então, eu tenho esses cinco eixos que permeiam do maternal até o ensino médio, claro, respeitando a faixa etária e a proposta pedagógica do curso, mas também com foco no multiletramento.



E é sobre o multiletramento que a gente estrutura o curso, começando da educação infantil e ampliando a aplicação da cultura digital de acordo com o curso, de acordo com a faixa etária, de acordo com o ano.

Para exemplificar um pouco sobre isso, o ensino de programação. Então, eu trouxe aqui quatro exemplos. Um foi trabalhado no quarto ano. Então, nós trabalhamos o ODS 14 - vida na água, e os alunos tinham que criar um jogo com essa temática; quinto ano, uma história livre sobre o momento da pandemia; sétimo ano, a questão do sedentarismo, então, um trabalho em parceria com educação física; e no oitavo ano, a economia criativa, que é um projeto interdisciplinar.

O Scratch, ele é gratuito, e toda essa produção dos alunos é publicada no Google Sites, que tem o nome Scratch: que tal programar todo dia? Em comemoração ao Scratch, em maio, mas ampliando isso para trabalhar no currículo com os alunos várias temáticas. A partir da programação, eu posso trabalhar qualquer tema: combate de fake news, a questão de superexposição na Internet, os bons hábitos para estar transitando nos espaços digitais. O Scratch e o Google Sites aqui são só suporte, mas o tema fica a critério do professor.

Eu trouxe também um exemplo de como o aluno se organiza, pensando na autogestão. Então, a gente trabalha muito com o checklist. No caso dessa programação que o aluno do quinto ano estava fazendo sobre uma história livre, ele tinha que checar se ele tinha cumprido todas as propostas, todas as etapas da produção do jogo, escolher cenário, programar ator, enfim, até ele compartilhar e adicionar o seu jogo no estúdio da turma para que os outros alunos pudessem ver.

Nós trabalhamos muito com produção colaborativa na nuvem, porque a gente acredita que é uma das habilidades que precisam ser treinadas com os alunos desde cedo. Não é fácil ensinar um aluno que ele precisa trabalhar em uma nuvem respeitando a





produção autoral do colega, sabendo qual é o dever e qual é o direito dele de trabalhar dentro desse espaço.

Eu trouxe um exemplo aqui, que é um exemplo do 5º ano, para mostrar para vocês, que nós trabalhamos uma cartilha do NIC.br, que era sobre segurança de senhas, e aí nós organizamos os grupos. Então, por que existem senhas? Como deve ser uma senha forte? Quais as senhas que nunca devem ser utilizadas, usadas? Com quem devo compartilhar minhas senhas? Dicas para memorizar as senhas, e de quanto em quanto tempo é necessário trocar uma senha. O que é relevante mostrar aqui?

É que nós organizamos os alunos em grupo e cada grupo discutia uma dessas questões. Eles precisavam postar a resposta do grupo e, depois, cada aluno tinha a liberdade de expressar a sua resposta de diversas formas. Então, nós temos gifs, temos desenho, temos alunos que criaram podcast, temos alunos que fizeram vídeos. E, aqui, ficou uma produção coletiva com o tema que é relevante, mas cada aluno teve a liberdade autoral, que nem a Sofia aqui, que fez um programa de TV.

A gente está trazendo aqui as ferramentas que estão gratuitas na Internet e que podem ser trabalhadas com qualquer temática.

Olhando para o ODS 3, saúde e bem-estar, os alunos do sexto ano foram convidados a construir narrativas digitais individuais. Então, eles usaram, para criar o avatar, o *Free Avatar Maker*, e aqui, mostrando um exemplo da produção dos alunos, eles precisavam colocar aqui a sua identificação, o seu avatar, a sua dica, e nós ensinamos no Dante, desde o quarto ano, que os alunos precisam aprender a citar a fonte no padrão ABNT. Não é no ensino superior, lá na graduação que o professor tem que cobrar isso do trabalho do aluno. A gente ensina desde pequeno, porque um dos pilares que o Dante acredita da cultura digital é saber respeitar, é a propriedade intelectual, e tudo que eu pego na Internet tem um dono e eu tenho que citar a fonte.



Em continuação a essa aula de narrativa digital de saúde e bem-estar, a gente trouxe para os alunos a reflexão sobre saúde e bem-estar também nos espaços digitais. Então, em grupos, os alunos tinham essa situação-problema para conversar. Por exemplo: alguém divulga informações sobre você ou imagens onde você está presente sem a sua autorização prévia. Como é que você evitaria essa situação? E se ela aconteceu, como é que você resolve? Porque a gente trabalha muito com os alunos na questão da prevenção, o que você não deve fazer, mas poucas vezes a gente trabalha: Aconteceu. Como é que você procura ajuda? Como é que você resolve isso? Para que a gente não fique só na questão do medo, da punição, da orientação que vai dizer “isso está certo, isso está errado”, mas também como uma rede de apoio para que você possa ajudar o aluno. Por exemplo, o exemplo aqui do grupo 4: “Em um grupo de WhatsApp com alguns amigos, alguém propõe uma brincadeira: envie uma foto sua com pouca roupa”. Você envia? E se você enviar, qual é o desdobramento dessa ação e o que a gente precisa fazer?

No sétimo ano, nós trabalhamos com fluxograma. E aí, eu trouxe como exemplo o fluxograma que foi criado no Google Apresentações, e aqui a ideia é ensinar como é que eu monto esse fluxograma. A gente trouxe um exemplo para eles: como eu faço um fluxograma quando eu monto o chá. Se é de camomila ou se é de canela, como é que se estrutura a construção desse fluxograma? E, a partir daí, criar novas alternativas para uma história conhecida. Então, a gente trabalhou com eles: Vi um gato na rua. A situação A: atirei o pau no gato. O gato morreu? Sim ou não? Se ele morreu, o gato deu um berro e a dona Chica admirou-se do berro do gato. Agora, se o gato não morreu, qual seria o final dessa história? E a partir daqui, nesse fluxograma, eu posso trabalhar temáticas de cidadania digital. Fui convidado para um encontro com alguém desconhecido na Internet: eu vou ao encontro? Eu não vou? Se eu for, o que pode acontecer?

Pensando também na questão da cultura digital e do letramento financeiro. Então,



aqui a gente tem uma planilha, onde os alunos colocaram lá os pertences que eles tinham no entorno da mesa, do material escolar, aprender a calcular média, soma, trabalhar com edição de dados, em uma planilha digital, que eu também poderia trabalhar com outros temas relacionados aos alunos.

O ensino de condicionais. Aqui, o exemplo da brincadeira pedra, papel e tesoura. E para a gente ensinar programação para os alunos, eu indico Colab, que está disponível no Google, que também se integra com o Python, e a gente pode fazer programações em diversos temas.

Para trabalhar a questão da cultura digital, da questão de trabalhar a produção de vídeo, de áudio, um dos exemplos que eu trago é a produção de uma fotonovela. Foi um trabalho interdisciplinar entre STEAM-S, arte e italiano. Nós usamos, para a edição, o *Online Voice Recorder*, que é *free* e super fácil de trabalhar. E fica uma dica aqui, um vídeo espetacular que está disponível na Internet: Como são criados os efeitos sonoros dos filmes.

A gente também trabalhou com eles... aqui eu vou mostrar rapidinho. Então, eles tinham que criar o fundo na aula de artes, preparar o texto em português com a tradução em italiano, eles fotografavam, o próprio aluno, na situação, e aí faziam a montagem da fotonovela. Eles se divertiram muito fazendo esse trabalho, e a gente poderia fazer uma fotonovela de qualquer tema.

Quero mostrar, também, nesse exemplo, como é que a gente trabalha com a avaliação. Então, a gente trabalha muito com avaliação por rubrica, e o aluno, assim que ele inicia o trabalho, ele sabe exatamente quais os critérios e quesitos ele será avaliado, o que ele precisa cumprir ali para ter o seu trabalho com uma boa nota.

Na oficina de comunicação e letramento midiático, a gente trabalha com checagem de fatos. E, aqui, um exemplo sobre análise de mídia, qual é a charge da semana, qual é a



capa da revista, quais são as mensagens que estão implícitas aqui nessa comunicação e qual a intencionalidade da mídia.

Os alunos trabalharam com edição de vídeos no *ClipChamp*, que é gratuito e está on-line, e as imagens gratuitas no *Pixabay*. Trabalharam, também, com a produção de podcast, e no Dia Mundial do Rádio, a gente fez uma análise da história do rádio e hoje, como ela está na Web, e para editar o podcast, está aqui a dica, o *Bear Audio*, que é onde o aluno pode... grava com o celular, pode editar, pode trocar a música, pode colocar fundo. E esses podcasts foram publicados no Instagram da oficina Dante em Foco. Fica aqui a dica para vocês seguirem a oficina.

Nós trabalhamos com projetos interdisciplinares. Esses projetos são ligados aos ODSs. No sexto ano, aquele que mostrei de saúde e bem-estar, é uma das atividades. Esses projetos, eles percorrem o ano inteiro. Aqui estão os temas: sexto ano - Cuidar de si para cuidar de todos e todas; sétimo ano - Dante Alighieri em jogo: a valorização da cultura italiana na multiculturalidade paulistana, aqui memorizando os 750 anos da morte de Dante Alighieri; o projeto do oitavo, Economia criativa para um desenvolvimento sustentável, trabalhando aqui o letramento financeiro, com foco no e-commerce, em Bitcoins, na publicidade direcionada para aumentar o consumo; nono ano, ODS 3 - Florescer: o direito de envelhecer na cidade de São Paulo com saúde e bem-estar; na primeira série - EuCidade - empreendedorismo para soluções de problemas urbanos do município de São Paulo; e segunda série - Patrimônios: preservação, conservação e acesso - desenvolvimento de soluções tecnológicas para o acesso, preservação e conservação do patrimônio material e imaterial.

Sobre a primeira e segunda série do ensino médio, nós temos o desafio de empreendedorismo social, onde os alunos desenvolvem esse projeto durante o ano e ele é apresentado para uma banca de avaliadores externos. Dando um exemplo aqui como é feito o diário de bordo do projeto, é no Google Docs. Então, toda a



documentação de todas as etapas, os alunos vão preenchendo durante o desenvolvimento do projeto. Uma das etapas é um protótipo de um aplicativo que resolva um problema da cidade de São Paulo, e eles tiveram uma aula-treino, onde eles tinham que propor soluções para a escola. Então, usando aqui o aplicativo da Marvel, gratuito, disponível da Internet, esse grupo propôs um aplicativo para reserva de livros na biblioteca, e o outro grupo propôs um aplicativo de geolocalização. Eu estou em tal lugar no Dante, como é que eu chego, por exemplo, até o auditório? Essas atividades pontuais que antecedem o grande projeto da cidade de São Paulo é para que eles treinem a habilidade na ferramenta.

Eles também constroem um protótipo de solução 3D, e esse... usando o *Tinkercad*, que também está disponível na Internet, é gratuito. Esse aluno pensou em um quebra-cabeça, onde ele vem branco. A criança pinta, monta... pinta o seu desenho, desmonta o quebra-cabeça e depois monta de novo. Na ideia desse grupo, as peças são laváveis. Então, a criança pode sempre ter um quebra-cabeça novo. Na segunda série do médio, com *micro:bit*, trabalhando com sensoriamento de dados externos, temperatura e luminosidade.

Esses alunos do ensino médio, primeira e segunda série, depois que formalizam a sua situação-problema, criam o protótipo, eles precisam apresentar isso. Então, o roteiro... escrevem roteiro do *pitch*, fazem uma apresentação no Google Sites... no Google Slides, e eles fazem *pitches* de até três minutos.

Sobre a apresentação para a banca externa, aqui em 2019, que foi presencial. Então, os alunos apresentam para uma banca de 95 avaliadores externos, que são promotores, CEOs, educadores, pessoas ligadas a startups. Em 2020, por causa da pandemia, a apresentação foi on-line. Esse ano, a gente acredita que será no formato híbrido.



E para finalizar a minha fala, a gente tem no Dante, também, o Comitê Gestor Discente de Tecnologia, porque a gente acredita que se a tecnologia é para o aluno, se o ensino da cultura digital é para os alunos, os alunos precisam fazer parte dessa gestão participativa. E esse comitê participa de eventos, recebe empresas que vêm mostrar tecnologia e também dialogam com a mídia quando eles têm algum interesse, a mídia quer conversar com eles sobre alguma questão de tecnologia.

A minha fala é embasada nesse grupo maravilhoso. Ninguém faz nada sozinho. Nós temos um time de 20 educadores e 20 técnicos, que são membros do Centro de Inovação e Tecnologia Francisco Ranieri. É a equipe que eu represento hoje. Estou à disposição para o diálogo, e queria agradecer a atenção de vocês. Muito obrigada, Guilherme.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Verônica, muito obrigado você. Foi ótima a fala. Eu anotei várias coisas aqui, inclusive para já mencionar algumas coisas que chamaram atenção, desde o fato de que essas atividades, elas não acontecem em um lugar isolado. Ela é contínua, ao longo dos vários anos. Então, mostra continuidade. Às vezes, a gente tem muita dificuldade para encontrar objetivos, e é legal já atrelar os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. Então, é uma boa fonte de objetivos. E eu gostei também de uma apresentação prática do que é esse ensino baseado em projetos, por exemplo, em que a pessoa pode pensar um aplicativo e isso ser o projeto dela, apresentar para o mundo. Muito bacana, Verônica.

Mariana, e aí, o que o EducaMídia tem para nos apresentar aqui também?

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Olá, Guilherme, Verônica, pessoal. Boa tarde. É um prazer enorme estar aqui com vocês nessa troca. Parabéns, Verônica, pelo lindo trabalho. Me deu uma saudade enorme de estar no chão da escola, mas eu vou para um outro lado um pouquinho aqui. Eu vou compartilhar a minha tela com vocês e vou



contar para vocês um pouquinho do trabalho do EducaMídia, que trata especificamente da educação midiática, que está ali incluída na cultura digital, a gente entende como uma coisa transversal, naturalmente, a habilidade de lidar com a informação, com esse mundo da informação tão complexo no qual a gente vive. Está na BNCC, não só no campo jornalístico e midiático da BNCC, mas também de forma transversal em todos os momentos que aparecem a necessidade de pesquisar, construir conhecimento e lidar com a informação. Mas como não tem uma caixinha específica, não está atrelada a uma disciplina específica, muitas vezes as pessoas têm uma certa dificuldade de localizar aonde colocar isso. No caso da Verônica, eles têm a felicidade de ter uma disciplina, uma área específica do currículo, mas isso não é muito comum. Então, a gente trabalha um pouco nessa perspectiva dessa construção transversal, e eu queria mostrar para vocês como é que a gente pensa isso.

A gente fala um pouquinho da educação midiática dentro desse contexto da cultura digital. Eu fico muito feliz quando eu sou convidada para falar sobre tecnologia na perspectiva da cultura digital, e não da ferramenta, porque, evidentemente, a tecnologia é uma coisa que transforma profundamente, na última geração vem transformar profundamente todas as nossas gerações... as nossas relações, desde a forma como a gente aprende, a construção do conhecimento, a forma como a gente trabalha, como a gente se relaciona. Então, são habilidades centrais à vida contemporânea, e impactam muita coisa na vida escolar e na nossa vida enquanto cidadãos. Impactam, inclusive, a própria noção do que é ser alfabetizado hoje em dia.

A gente começa a perceber que o conceito de alfabetização, ele é móvel, e ele muda à medida em que mudam as tecnologias e as formas de circulação de informação na nossa sociedade. Ser alfabetizado hoje significa saber lidar com um repertório crescente de formatos e desafios que a gente precisa enfrentar nesse ambiente da comunicação e da informação.



Por exemplo, novos formatos. A gente tem, hoje em dia, por exemplo, a possibilidade de ler e escrever em formatos interativos. Esse exemplo da esquerda é uma linha do tempo dos fluxos migratórios contemporâneos. Então, você escolhe o ano, você mexe naquela régua e você vai vendo essas bolinhas aumentarem e diminuir, representando a quantidade de pessoas. Do lado tem um pouco de contexto histórico de cada um desses movimentos. Então, é um tipo de leitura muito diferente. A gente tem leituras não lineares, a gente tem escrita participativa. Toda a questão das fanfics, do remix, dos 'memes', a cultura dos 'memes', e isso tem suas próprias camadas de contexto, de interpretação, de questões relativas a direitos autorais, ao uso de imagem, etc. Então, a gente tem novos formatos nos desafiando o tempo todo.

E a gente tem, também, essa convergência do papel de produtor e consumidor de conteúdo. Nós estamos inundados de informação o tempo todo, e a gente recebe informações pelos mesmos canais, assim, sem muito filtro, sem muita distinção hierárquica, de múltiplos atores com propósitos diversos, seja para nos informar, para entreter, para influenciar as nossas ideias, para vender alguma coisa, para roubar os nossos dados, um golpe, um fake, enfim, e a gente tem isso tudo muito misturado.

Então, nós temos esses desafios enormes no ambiente da comunicação e da informação, tanto que nós vivemos hoje uma crise da desinformação. Nós temos essa questão da poluição informacional. Todas essas coisas circulando, muita informação, mas nem toda ela de qualidade. Não é à toa que a Organização Mundial da Saúde, em fevereiro do ano passado, cunhou esse termo, "infodemia", uma pandemia de desinformação, um excesso de informação sobre a pandemia do Coronavírus, e nem toda ela confiável, nem toda ela de qualidade.

Nesse contexto, o que acontece com esses jovens que vêm para a escola já com acesso independente, com pleno acesso a um mundo de informação, podendo acessar YouTube pelo celular para buscar o que eles quiserem? Tem essa expressão "nativos





digitais”, uma geração que já nasce em uma época que é muito mediada por telas, onde as telas são ubíquas, mas o fato de eles terem acesso a toda essa tecnologia e saberem encontrar um tutorial, saberem conversar uns com os outros, acessar os ambientes, não significa, necessariamente, que eles tenham conhecimento e o discernimento. Eles não vêm de fábrica com esse repertório de habilidades para lidar criticamente com esse excesso de informação, com toda essa complexidade do ambiente informacional.

De fato, tem uma pesquisa recente do Pisa que foi publicada agora, semana passada ou semana retrasada, que encontrou um número estarrecedor. Dois terços dos adolescentes avaliados, brasileiros avaliados nessa pesquisa, não sabem distinguir entre o que é um fato e o que é uma opinião. E, de fato, a alfabetização digital desses jovens está muito atrasada, está estagnada, eles identificaram, mais ou menos desde o ano 2000. Então, eles não estão sendo formados, nós não estamos mediando adequadamente essa entrada no ambiente informacional e eles não são capazes de distinguir essas nuances do tipo de informação que eles estão recebendo, localizar informação confiável, fazer uma pesquisa adequadamente, avaliar a credibilidade das fontes, etc. Então, nós temos um gap muito grande de fluência, de entendimento do que é um ambiente digital, sobre o qual a gente precisa trabalhar de uma maneira muito incisiva rapidamente.

Essa crise da informação, da desinformação, ela é reflexo de uma falta de equidade no acesso à informação. A gente sabe que é uma questão de equidade, não é só o acesso à Internet que é o problema, é a qualidade da experiência que você consegue ter uma vez que você está nesse ambiente. Eu deixo aqui uma homenagem ao Miguel Thompson, um educador maravilhoso que nos deixou essa semana, e em um artigo chamado A crise da ciência é uma crise de distribuição de conhecimento, ele fala exatamente isso: essa crise da razão, essa falta de confiança na ciência e nos fatos não é uma crise da qualidade do conhecimento que a gente está produzindo, mas uma



crise de distribuição de ciência, de tecnologia, de acesso a conhecimento, de serviços de qualidade, até de educação, para que a gente lide com essas coisas.

Então, qual é o nosso papel aqui? Como é que a gente faz isso acontecer na prática? O EducaMídia é um programa do Instituto Palavra Aberta que trabalha justamente na formação de educadores, na sensibilização da sociedade e na formação de educadores para a construção dessas habilidades, que a gente organizou nesses três eixos: as habilidades envolvidas em ler, escrever e participar do ambiente informacional da sociedade. Então, vai desde o letramento da informação, como é que a gente busca onde é que estão as coisas, como é que eu encontro a informação, essa leitura crítica? As habilidades de autoexpressão, não só do ponto de vista criativo e técnico, mas também do ponto de vista ético; a fluência digital no acesso, no uso das ferramentas; e a cidadania propriamente dita, essa utilização dessa participação e desses recursos não só de maneira responsável e ética, mas para a participação positiva e fortalecedora na sociedade, afim de realizar impacto positivo na sociedade, realizar transformação na sociedade.

Então, nós escrevemos um guia que trata disso no ano passado. É um download gratuito, está no nosso site, eu vou chegar nele já, já. Primeiro, a gente trata um pouco de porquê a educação midiática é tão urgente e tão importante agora. Primeiro, por causa dessa questão da equidade no acesso à informação. A tecnologia não é só ferramenta, ela é linguagem, e as pessoas precisam saber se comunicar, saber encontrar informação e ter habilidade para ter uma experiência de qualidade. E a Internet é território, é um espaço a ser ocupado para que as pessoas de diferentes comunidades tenham voz. Então, a gente precisa trabalhar essa questão da equidade no acesso e na participação.

A gente precisa trabalhar, também, a questão da inclusão digital e da cidadania. A gente já sabe que a inclusão digital não está mais só no acesso, mas sim na qualidade



da experiência, para que a gente possa passar da informação ao conhecimento, para que a gente possa acessar as informações as quais a gente tem direito para tomar as nossas decisões em sociedade; da mera presença à fluência digital, que é saber encontrar as ferramentas que a gente precisa, e continuar aprendendo a utilizar as novas ferramentas à medida em que elas surjam; e do consumo passivo ao entendimento e à produção de informações, para que a gente possa ocupar esses espaços.

E, finalmente, a educação midiática, ela é central à transformação da sala de aula, e a Verônica é uma expert nisso. Uma educação ativa, uso de metodologias ativas, sair dessa situação de exposição de informações, que não faz mais sentido, uma vez que o universo do conhecimento está ali à nossa disposição, e do desconhecimento também e passar para a construção do saber de forma mais proativa com os alunos, de uma posição mais protagônica, usando a tecnologia à medida das necessidades para investigar, para sintetizar, para produzir e para publicar.

O que a gente quer oportunizar aqui? A criatividade crítica, ou seja, praticar investigação, o senso crítico a partir de perguntas complexas, utilizar essa expressão criativa o tempo todo no contexto de qualquer disciplina, para demonstrar a... não só para demonstrar a compreensão do conteúdo curricular, mas para atuar na sociedade e saber fazer conexões, pesquisar, remixar o conhecimento articulando as razões para as nossas escolhas, tanto narrativas como estéticas, o tempo todo e em qualquer disciplina.

Como é que a gente faz isso na prática? Como é que o EducaMídia propõe? Que a educação midiática seja uma camada a ser acrescida ao conteúdo curricular de qualquer disciplina. É disso que a gente trata nesse guia que a gente publicou no final do ano passado. Ele é um download gratuito, está disponível no nosso site, e ele contém essa parte... e também está à venda na *Amazon*, o exemplar impresso. Ele tem



essa parte mais conceitual e, depois, ele avança para uma proposta de 15 atividades, exemplos apenas, sugestões, que procuram demonstrar como a gente inclui essa camada de educação midiática dentro de qualquer disciplina.

E fazer isso é muito diferente de usar mídia como recurso, e eu vou dar um exemplo bastante concreto. Se a gente está tratando, por exemplo, de aquecimento global, trazer um vídeo para os alunos assistirem e, depois, discutir em sala de aula e fazer uma ficha de atividades é usar a mídia como recurso. A gente propõe um redesenho desse tipo de atividade para incluir educação midiática como camada, mas isso requer que o professor esteja muito conectado com a cultura digital, que ele faça uma curadoria de conteúdos que não são feitos necessariamente para sala de aula, mas estão postos no ambiente digital, no ambiente informacional, estão ligados a um contexto real, e que ele esteja sempre atento a esses conteúdos que são produzidos pelo jornalismo, por pessoas nas redes sociais, por instituições científicas e culturais, que ele possa usar na sala de aula. Então, aqui, no nosso caso, é um tweet do presidente Donald Trump. Se a gente parte desse tipo de texto disparador, a gente conecta com a cultura digital, a gente consegue explorar um contexto real e a gente vai desenvolvendo as habilidades midiáticas junto com o conteúdo da disciplina.

Então, usamos esse tweet do Donald Trump, no qual ele fala, durante uma visita ao Centro-Oeste americano, que a sensação térmica... ele esteve lá durante uma onda recorde de frio, e ele é irônico e ele fala... vai ter frio intenso, o mais frio registrado, não está nem dando para ficar na rua: “O que diabos está acontecendo com o aquecimento global? Por favor, volte logo, Sr. Aquecimento global, precisamos de você”. Isso é uma bobagem, uma inverdade científica, e a gente traz esse tweet para os alunos com a proposta de que eles analisem esse conteúdo, descubram qual é a ciência correta, o que está incorreto aqui, vão fazer uma *fact-check* e vão responder, como respondeu, por exemplo, a própria agência climática do governo americano, que fez um fio de tweets dizendo que tempestades de inverno mais intensas não provam



que o aquecimento não está acontecendo. Muito pelo contrário, porque o oceano está mais quente, produz mais umidade, isso produz tempestades maiores. Para fazer um conteúdo desse tipo, os alunos precisam analisar esse tweet, fazer a checagem da veracidade das informações, descobrir qual é o conteúdo científico correto em contraposição a esse, criar uma narrativa adequada a esse ambiente, frases curtas, ilustrações simples, e produzir uma narrativa nessa linguagem embasada em conteúdo científico correto e verificável. A gente ainda pode discutir as motivações e o contexto que levaram ele a fazer isso ou ainda papel de uma pessoa nessa posição de autoridade ao divulgar desinformações, que responsabilidade ele tem. Então, olha quanta coisa a gente consegue fazer, e ainda estudar o aquecimento global.

Para ajudar os professores a fazerem isso, a gente percebeu que essa era a dificuldade. Como é que eu coloco por dentro da minha disciplina? A gente criou um jogo de cartas, está disponível no nosso site, que ajuda o professor a desenhar essa atividade. É um recurso para disparar a criatividade, criar uma frase-síntese dessa atividade, e, depois, um *Canva*, que ajuda o professor a desenhar a sequência didática. E todas as atividades do livro têm essa estrutura. A gente pode, por exemplo, criar infográficos para estudar a questão das queimadas na Amazônia, levando os alunos a entenderem se os gráficos estão representando ou escondendo os fatos e como é que as narrativas em gráficos podem manipular a realidade, ao mesmo tempo em que a gente está estudando a questão das queimadas.

A gente pode falar sobre identidade de diversidade analisando games, embalagens de brinquedos e textos literários e tratar de questões de representação, ao mesmo tempo em que a gente fala de identidade e alteridade. Então a gente vai encontrando oportunidades para trabalhar, por exemplo, a construção do conhecimento, com perguntas, como: Como eu, por exemplo, posso encontrar conteúdo de qualidade? Por que eu vejo o que eu vejo na Internet? Como é que essa informação chegou até mim? Como é que eu leio mapas, gráficos, etc.? A gente pode trabalhar questões de justiça



social e equidade, indagando, por exemplo, quem está representado nos textos que a gente está trabalhando, que vozes estão ausentes, se tem estereótipo, preconceito, se tem discurso de ódio, esse tipo de coisa. A gente pode trabalhar a construção da cidadania: Qual é a minha responsabilidade na manutenção de um ambiente de comunicação saudável? Como é que eu posso combater a desinformação e o discurso de ódio? E como é que eu posso agir a partir do que eu aprendi?

A gente traz, também, um checklist para o educador verificar se ele está conseguindo levar a sua prática na direção da criação desse tipo de atividades. Isso tudo está no guia.

Além do guia, eu queria deixar só indicado... Eu vou deixar essa apresentação, então vocês têm os links. A gente tem muito material para a formação do professor, como, por exemplo, uma série que já tem mais de 40 conteúdos em vídeos no nosso canal do YouTube, que a gente faz quinzenalmente agora para a formação do educador nesses temas da educação midiática. Nós temos uma série de recursos, kits, checklists, baralhos, cartas que podem ser utilizados com jovens, que podem utilizados com educadores. A gente tem planos de aula diversos sobre fake news, Wikipedia, universo da informação, enfim, liberdade de expressão e vários temas. E a gente tem esse glossário interativo, que é muito divertido, que é um material para exploração autônoma e que vai explorando, em multimídia, com vários conteúdos, todos esses temas da educação midiática.

Então, para finalizar, eu só queria deixar essa reflexão aqui do Paulo Celot, que é membro da Comissão Europeia, que ele diz o seguinte: “Não é só uma vantagem a mais a gente ser educado midiaticamente; pelo contrário, é uma desvantagem debilitante a gente não ser”, e a gente precisa tratar desse letramento urgentemente, de forma transversal, na escola.



Queria convidar vocês a seguirem o EducaMídia nas redes sociais. Peço desculpas se eu passei um pouquinho do tempo, mas ficam esses links para vocês poderem acessar em outro momento. Obrigada, gente, pelo espaço e pela oportunidade.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Mariana, muito obrigado pelos exemplos, pelos recursos, pelos materiais. Eu também fiz várias anotações aqui, sobre a sua fala, desde a mensagem poderosa sobre a questão da equidade de acesso à informação e o quanto que as pessoas podem ter experiências diferentes no exercício até da cidadania digital, o senso de criatividade crítica, como foi mencionado, da necessidade da gente ter essa consciência crítica ao usar a tecnologia, que, como você mencionou, é um recurso, então, é importante saber como a gente vai usar, e a curadoria de conteúdo. Eu acho que a sua fala foi muito feliz. A gente fala muito: “Ah, o professor, agora, é um curador de conteúdo, é um curador de conteúdo”, e a gente vê pouco como que isso se manifesta na prática. Então, eu achei muito legal. Um exemplo aqui. Eu amava história no colégio, assistia documentários de história, e hoje, com os canais de história... eu amava 2ª Guerra, por exemplo, e hoje você tem canais que acompanham, semana a semana, o que acontecia naquela semana na 2ª Guerra Mundial, quando que a minha professora de história, no meu ensino, médio gastava três anos, cinco anos, para falar sobre a 2ª Guerra, sobre a 1ª Guerra, e por aí vai. Então, fiquei muito feliz.

Agora, a gente vai para a nossa parte de debate. Eu vou fazer quase uma Marília Gabriela aqui, um bate-bola, jogo rápido aqui com vocês. Eu fui pegando as perguntas que as pessoas que muito estão conosco aqui ao longo do evento. Antes de fazer as perguntas, só duas observações aqui sobre materiais, além dos mencionados pela Mariana. Eu faço parte da curadoria aqui da plataforma Pilares do Futuro. Então, quem quiser, também, ver na Pilares do Futuro atividades e inspirações sobre isso, vale a pena. E nos nossos materiais dos cursos, a gente disponibiliza o que a gente chama de tabela de inspiração, que é: que conteúdos de direitos digitais podem ser relacionados



com conteúdos da disciplina que você está ministrando, para que você possa se inspirar e fazer esse trabalho que a Mariana falou da curadoria.

Bom, eu vou direcionar as perguntas para quem eu vi que não teve a oportunidade de falar tanto sobre o tema na sua apresentação. E aí, uma pergunta que apareceu forte aqui foi sobre o trabalho com crianças e adolescentes com diferentes necessidades, desde pessoas com deficiência até pessoas que partem de uma história de vida diferente. Então, temos pessoas negras, temos a questão das mulheres, a diversidade aqui na questão de discriminação, a diversidade de experiências. Então, o Rudy Steiner, a Malu Viana trouxeram isso. Eu queria ver com a Verônica... Verônica, como é que vocês trabalham essa diversidade nessas várias experiências que você relatou?

**PARTICIPANTE: VERÔNICA CANNATÁ:** Ótima pergunta. O Dante é um colégio inclusivo. Nós temos 300 filhos de funcionários que são bolsistas, a escola tem 4,6 mil alunos, mas nós somos um colégio inclusivo também com alunos com deficiência. E para atender esses alunos de forma inclusiva, e não exclusiva, nós temos o Nupi, que é o Núcleo de Práticas Inclusivas. O que é isso? É um grupo de especialistas que ficam o tempo todo nos auxiliando se as atividades estão adaptadas, se as avaliações estão adaptadas, se os projetos interdisciplinares, o que os alunos vão desenvolver, se essa atividade está adaptada a ele. Nós temos alunos com baixa visão, Down, alguns alunos com TAR (Transtorno de Apego Reativo) também. Então, é muito importante a escola ter esse olhar.

É importante a gente colocar também que a gente pede para a escola ser inclusiva, mas a gente não dá para o professor uma formação para que ele lide com aquela inclusão de forma adequada. O Dante, olhando para isso, ele montou um núcleo de especialistas em deficiência, e esse grupo, além de fazer a checagem de currículo, de atividades, de avaliações, esse grupo de especialistas também forma os professores. Então, nós estamos, a cada momento, melhorando o atendimento a essas crianças,





que é indispensável. Não tem outra forma, a gente tem que atender de forma igualitária. Todos alunos têm o direito de aprender da melhor forma possível. É isso que o Dante olha.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** E aqui eu até também deixo o convite para quem está vendo, a gente teve na nossa Mesa 4, sobre como fazer um currículo digital inclusivo, a fala do Rodrigo Hübner Mendes e também da Eliane Leite, um pouco com várias experiências aqui que vão nessa linha que a Verônica acabou de falar, sobre como você pode lidar com essa diversidade. E aí, Mariana, eu não sei se você gostaria de comentar um pouco sobre essa questão da diversidade também, que estava na sua apresentação e como lidar com isso em sala de aula.

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** É, eu estou vendo aqui que a Malu Viana fez uma pergunta sobre educação antirracista e eu acho isso um tema muito importante. E quando a gente fala na construção dessas habilidades para lidar com as mídias, com a informação na nossa sociedade, a gente sabe que o preconceito é uma construção social que frequentemente começa e é perpetuado pelas mídias, por estereótipos que são difundidos, criados e difundidos pelas mídias. Então, um dos pilares do nosso trabalho e uma das coisas muito importantes que a educação midiática faz pela gente é essa habilidade de fazer perguntas sobre o conteúdo que a gente está vendo, inclusive, de entender quem está e quem não está representado ali, se toda a diversidade humana está representada, tipos diferentes de famílias, de corpos, de biotipos, de habilidades físicas, etc., além da diversidade étnica e racial. E esse é, por acaso, uma das portas de entrada para o trabalho com educação midiática, porque muita gente pergunta: “Com que idade você pode começar a trabalhar educação midiática?” E a gente sempre responde: “Desde o momento em que as crianças estão expostas a mídias”. E mídias inclui-se embalagens de brinquedos, anúncios, anúncios na televisão, etc.



Então, mesmo antes de as crianças serem alfabetizadas, a gente consegue começar a trabalhar com os produtos que elas estão consumindo e com a representação, ou a ausência de representação, da diversidade humana nessas embalagens, nos livros, nos programas, etc. Então, esse é um dos primeiros assuntos que a gente consegue trabalhar, e ele é central no repertório da educação midiática. A gente tem atividades no guia que falam sobre isso e a gente tem, tanto nossos glossários interativos como nas nossas formações no YouTube, no nosso slide, a gente tem... a gente explora esse assunto e dá sugestões para os educadores sobre como trabalhar isso.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Legal, Mariana. E a gente tem aqui no nosso centro uma pesquisa sobre vozes dissonantes na Internet. Então, vale a pena observar também o quanto que essas ferramentas midiáticas empoderam diferentes grupos também para que eles possam conhecer pessoas que também compartilham ali a identidade daquela pessoa, poder ter alguém que ouça a sua situação, que compartilhe com aquele sentimento. Então, a gente estava falando antes de entrar no ar sobre a questão do empoderamento, daí, depois, você pode até trazer na sua próxima resposta, mas empoderamento em relação à identidade também eu acho que é muito importante.

Tem um conjunto de perguntas que veio do Pedro Lobo, da Victoria Patrial, da própria Malu Viana, Mariana, que você mencionou, que eu juntei aqui. São perguntas que trazem fortemente os obstáculos, tá? Então, alguns obstáculos que foram mencionados aqui no chat: “A escola pode não ter estrutura”. A gente ontem viu aí, e anteontem, ouviu falando de laboratório, mas... Às vezes, a escola tem laboratório, mas se todo mundo for usar o laboratório, não tem laboratório para todo mundo. Então, mesmo a escola que tem laboratório, às vezes não tem. Então, assim, estrutura; acesso, especialmente em escola pública, então acesso à Internet, acesso à tecnologia de informação e comunicação; e a resistência dos alunos. Os alunos que nunca tiveram atividades desse tipo, que sempre estiveram em salas de aula expositivas, como é que



você, de repente, muda isso? Então, são três desafios que o pessoal trouxe aqui. Eu não sei, Verônica, se você quer falar um pouco como é que vocês superam esses obstáculos no Dante também, ou no próprio curso de pós.

**PARTICIPANTE: VERÔNICA CANNATÁ:** É, ótima pergunta. Em relação à estrutura, o acesso, eu acredito que o que nós estamos vivendo, a pandemia, ela veio para escancarar uma desigualdade social, que a gente sabia que existia, entre o público e o privado, mas que estava meio ali, a gente... ah, a gente sabe que está ali e seguiu em frente. E quando vem a pandemia e diz que tudo é aportado na tecnologia, ninguém mais do que a escola pública sofreu nesse país por não estar preparada para isso. Se nós, das escolas privadas, tivemos dificuldades para nos adaptar... porque não é porque a gente tem todos os recursos que foi fácil, não foi fácil para ninguém, mas nós tínhamos os recursos, enquanto a rede pública, a maioria, não tem. Eu acho que isso vem e dá um chacoalhão na sociedade. Que país é esse que nós estamos deixando perpetuar o que não pode acontecer? Educação é um direito de todos. Não é do privado, é de todos, e todos têm que ter educação de qualidade.

Sobre a questão da resistência dos alunos, essa é uma pergunta que aparece, às vezes, quando eu falo em metodologias ativas: “Ah, mas os alunos são acostumados a ficarem passivos, e vem o professor e chacoalha a sala de aula. Eles não querem fazer”. Eu acho que a gente precisa olhar também para o oposto. Se nós não aguentamos mais ficar na frente de uma tela vendo *lives*, ou no presencial, assistindo palestras, que são falas por mais de 45 minutos, uma hora, e é cansativo, cansativo é para esse aluno que fica cinco, seis horas em uma carteira da sala de aula ou em casa, na frente de uma tela do computador. Eu acredito que quanto mais desafiadora for a atividade proposta, e está aí a Mariana com esse manual maravilhoso para auxiliar os professores, que vão começar com isso... A gente precisa envolver os alunos em algo que seja significativo. Eu não posso fazer uma aula com um monte de metodologias ativas que eu acho sensacional, mas que o aluno vai produzir um podcast para o



professor avaliar e guardar. Ele não vai fazer uma campanha incrível de ‘memes’ combatendo o racismo, a intolerância, a intolerância de gênero, a polarização política, e esses cartazes lindos ficam fechadinhos na minha sala de aula ou dentro de uma pasta onde o professor corrige. O aluno não vai querer produzir para isso. Mas se você falar: “Vamos fazer uma campanha, e você pode ajudar a transformar o olhar das pessoas”. “Vamos fazer uma campanha e vamos publicar na rede?”. A Internet é um território, como bem disse a Mariana antes de começar a nossa conversa. Então, vamos ocupar esse território com significado? O que você gostaria de fazer para ajudar a mudar o mundo em relação a esse assunto? Agenda 2030, ela está aí. Falta menos de 15 anos para a gente bater a meta, mas nós conseguimos atingir os objetivos que estão lá? O que falta para a gente mudar de fato? Então, eu acredito que a resistência, quando não há um envolvimento genuíno do professor e do aluno... A gente tem que parar um pouco de escolarizar as atividades da escola e conectá-las com o mundo. Qual é o campo de conectividade... O que essa atividade se conecta com as dores e com as necessidades dos alunos, e não com as intenções pedagógicas dos professores? Porque não é para nós que fazemos as aulas, é para os alunos, e se esse aluno está conectado a esse mundo, tendo acesso à informação a tudo, a minha sala de aula tem que ser tão atrativa quanto, senão ele não vai querer participar.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Mariana, e junto com essas três dificuldades, outra coisa que a Tatsu trouxe no chat, que eu perguntaria, é sobre recursos educacionais abertos também, que pode ser uma coisa que ajuda a superar a questão das restrições. Então, não sei o que você tem a dizer sobre essas dificuldades...

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Eu só queria pontuar, porque eu achei perfeita a fala da Verônica. A educação precisa ter sentido, fazer sentido para os alunos. A gente não quer mais aquela situação em que o aluno aprende para devolver para o professor no formato de uma prova ou na atividade. Tem uma educadora espanhola que chama isso



de educação bulímica. Põe para dentro, põe para fora, põe para dentro, põe para fora. A gente quer que o aluno explore, investigue, descubra para publicar para uma audiência real, para impactar positivamente a sociedade, para compartilhar o seu conhecimento com os outros e ter voz. Então, eu acho que esse é o fator do engajamento.

E eu queria, também, responder um pouquinho a questão da coletividade, além de falar de recursos abertos. A gente entende que existe uma diversidade enorme de contextos, e que nem toda escola vai ter um laboratório, vai ter acesso a computadores. A realidade social é muito diversa no Brasil, e a maioria das pessoas, efetivamente, não tem, mas a gente entende também que, querendo ou não, tenha ou não a escola um parque tecnológico, tenha ou não os professores um grau de maturidade tecnológica e de fluência digital, o aluno está inserido no mundo contemporâneo, que é mediado pela tecnologia. Então, a penetração de celulares no Brasil é altíssima, tem mais celulares do que pessoas. Então, mesmo se não tiver computador na escola dele, se não tiver laboratório de informática, em casa, no celular do pai, na casa do colega, ele vai acessar um YouTube, ele precisa saber o que é anúncio, o que é patrocinado, o que é uma teoria da conspiração. Ele vai receber informações, e pior: essas pessoas que geralmente têm esses planos de dados mais baratos recebem a sua informação única e exclusivamente filtrada pelas redes sociais ou nos aplicativos de mensagem. Então, elas estão sofrendo ação dos algoritmos sem saber o que é isso, sem saber como isso funciona. Então, tudo isso é muito importante, quer a escola tenha ou não um parque tecnológico. E eu já vi professores fazerem atividades ‘desplugados’, até porque mídia não é só mídia digital. É todo e qualquer tipo de mensagem que a gente recebe, inclusive embalagens, cartazes na rua, etc. Mas eu já vi professores fazerem atividades ‘desplugadas’ com cartazes simulando um feed de Facebook e os alunos desenhando a mãozinha, curtir ou não curtir. E esse trabalho é tão bonito. Foi o Prof. Renato de Goiás, que fez, que a gente levou esse trabalho para



uma apresentação que a gente fez no Congresso Nacional. É importante tratar desse assunto, seja do jeito que for. As nossas atividades do guia sempre têm uma opção de fazer 'desplugada', e o importante é que a gente trate dessa realidade, do jeito que puder.

A questão dos recursos abertos, ela é muito interessante porque, primeiro, existe uma quantidade enorme de recursos e coisas, inclusive, que não foram feitas para a escola, mas são perfeitas para a escola, cada vez mais, nos veículos de comunicação, nos museus, nas organizações científicas e culturais. Então, o professor precisa ter esse olhar de curadoria e precisa ensinar os alunos a fazerem essa curadoria. E mesmo entre os recursos que são produzidos por educadores, para educação, os recursos educacionais, a gente também tem uma variação muito grande de qualidade. Então, eu acho que essa construção do senso crítico, do que é bom para o nosso aprendizado... quem produziu, quais são as credenciais daquela pessoa, o que ele está dizendo ali, tem viés, não tem viés, também ajuda o próprio aluno a fazer a curadoria do que é um bom recurso para ele aprender, seja um recurso educacional aberto ou alguma coisa o que está vindo de um site de um jornal ou de um museu.

E, finalmente, é importante dizer que a gente precisa, sim... alguém perguntou isso aqui no chat, é importantíssimo falar da questão dos direitos, dos direitos do uso de imagem, dos direitos autorais, seja como consumidores ou autores ou produtores de conteúdo, mesmo quando a gente produz um 'meme'. Será que a gente está usando indevidamente a imagem de alguém? Quais são as consequências para a vida de alguém a gente usar uma imagem de alguém para fazer uma piada? Então, esse tipo de coisa também precisa entrar em pauta.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Muito bom, Mariana. E aí, eu acho que a gente... para se encaminhar para uma participação final, eu colocaria uma pergunta, que acho que também abrange bastante tudo o que foi dito em relação a materiais



didáticos. Então, que materiais didáticos a gente pode usar para ensinar? E aí, eu acho que é quase fazendo um brainstorming aqui com vocês antes de a gente ir para o nosso encerramento: O que vocês sugeririam em termos assim: sou professor, sou professora, quero fazer uma atividade. Que materiais didáticos eu posso usar? A Mariana deu o exemplo do Twitter. Que mais que a gente consegue indicar para quem está assistindo?

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Quer começar, Verônica?

**PARTICIPANTE: VERÔNICA CANNATÁ:** Sim. A Internet tem muita coisa, muita coisa, mas nem tudo que está lá é de qualidade. Então, por isso a importância da curadoria. Eu recomendo usar os materiais digitais que são gratuitos e que são colaborativos. A gente precisa, cada vez mais, ajudar esses alunos a trabalharem colaboração, porque assim é o mundo do trabalho, mas vem a fala da Mariana e fala das atividades 'desplugadas'. Então, que usem tecnologias que não sejam digitais: o papel, a cartolina, o *kraft*, o que tiver disponível. A sucata... Eu vi outro dia uma escola que estava trabalhando televisão, e a televisão era uma caixa de papelão e o microfone era um Yakult fazendo o microfone, e ela estava trabalhando. Ela não deixou de trabalhar porque ela não tinha uma câmera, um celular.

Sobre os materiais, tem o Pilares do Futuro, que são maravilhosos os planos de aula que estão lá; o EducaMídia; o material do NIC.br, as cartilhas são incríveis para trabalhar cidadania digital. No site do Colégio Dante Alighieri, no site aberto, no Institucional, tem ali dicas de uso da Internet segura. É uma curadoria que nós fizemos de links, de materiais que estão abertos e estão disponíveis. Eu posso, depois, indicar o link aqui. Tem, também, a indicação de software de controle parental, que a gente está falando muito de professor, mas tem os pais que ficam muito preocupados, o que essas crianças estão fazendo nesse espaço digital, nessa grande praça pública? Com quem elas estão dialogando? E os softwares de controle parental vêm não para



monitorar, essa é a dica que eu queria dar, mas para que aproximem o diálogo. Então, se o seu filho está assistindo demais um youtuber, está seguindo demais no *TikTok* alguém, e é lá que estão se criando algumas teorias da conspiração, como disse a Mariana, converse com o seu filho sobre isso. Ao invés de proibir: “Não assista...”, assim: “Quem é? O que ele fala? Vamos ver se tem outra pessoa que fale sobre esse assunto?”. Se aproxime do seu filho para participar do ambiente digital que ele está. Você precisa dessa conexão para poder orientá-lo, porque se você não fizer isso, a mídia fará, os youtubers farão. Nós temos youtubers incríveis, como Iberê Thenório, que é sensacional o Manual do Mundo, mas nós temos outros que perdem o limite, como bem disse a Mariana, de um ‘meme’, de uma piada que escracha sobre aquilo que potencializa um cyberbullying depois, no grupo do WhatsApp da sala. Então, assim, a gente precisa ajudar os nossos filhos e os nossos alunos também na curadoria do que seguir. Quanto precioso é o seu tempo para ficar ouvindo aquele “besteirol” tanto tempo e você poderia estar vendo outro tipo de informação. E que o professor traga essa reflexão, também, para a sala de aula conectada: “O que é que os meus alunos estão assistindo e por que eles estão assistindo?”. Pegar um desses youtubers e assistir com eles, fazer uma análise de mídia: Que direitos humanos digitais ferem esse tipo de postagem? Eu acho que esse é um caminho muito importante para a gente ter com os alunos.

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Tocou em uns pontos muito importantes. Essa dica de os pais se envolverem, porque essa construção dessa cidadania e desse letramento digital, ela não é só dos educadores, não é só dos alunos, os pais também têm um papel muito importante, até porque os adultos também não foram agraciados com essa mediação de lidar com essas transformações tão profundas e tão rápidas na nossa cultura e na nossa sociedade, por causa da informação no meio digital.

Eu acho que sobre cidadania, sobre os fenômenos do mundo digital, etc., as empresas de tecnologia, instituições educacionais, etc., a SaferNet, o NIC.br, o próprio Google, as





plataformas tecnológicas, o Facebook tem, o Twitter tem, muita gente está publicando materiais muito legais. No Dia da Internet Segura, a SaferNet tem o hábito de fazer um grande compilado desses materiais e fica lá disponível o ano inteiro em uma página deles, que é muito bacana. Eu acho que tem muito material para a gente colocar essa lente sobre o ambiente digital.

Agora, eu acho que tem um outro aspecto que é interessante: Que materiais a gente pode usar para aprender história, geografia, biologia, matemática? Eu sou uma grande proponente da gente sair um pouco e ir além do livro didático, e aproveitar essa multiplicidade de linguagens. A Verônica falou em multiletramento. A gente precisa aprender a ler imagens, coisas interativas, gráficos. Tem trabalhos belíssimos sendo feitos dentro de veículos de jornalismo, dentro de museus, dentro de instituições científicas, os próprios divulgadores científicos. Um marco para a gente foi aquele desenho animado de uma bióloga da Nova Zelândia que ilustrou, com uma animação muito simples, o que era achatar a curva no começo da pandemia. Qual é o papel de um infográfico para traduzir um conceito complexo e tornar ele acessível, tornar ele palatável. E como é que os alunos podem aprender a se expressar nessas linguagens? Tem um outro exemplo que eu gosto muito, que é do *Google Arts & Culture*, o instituto cultural do Google. Na época das Olimpíadas, eles fizeram uma coisa chamada Além do Mapa, que é um passeio em vídeo 360 e uma história não linear sobre os jovens das comunidades no Rio de Janeiro. Então, você pode clicar no mapa, pular de um ponto a outro do Rio de Janeiro, ouvir vídeos e entrevistas de jovens daquelas comunidades, ou sentar como se você estivesse na garupa de uma moto e fazer um passeio em vídeo 360 lá para cima das vielas em uma comunidade do Rio de Janeiro, que é um ponto de vista que as pessoas normalmente não têm. Então, olha quantas portas, quantos mundos as narrativas digitais, multimídia, imersivas, interativas, visualizações de dados, por exemplo, abrem para a gente. Eu sou uma grande proponente do professor abrir as portas do mundo digital, fazer essa pesquisa, fazer a



curadoria e ensinar os alunos a fazer o mesmo, porque a gente precisa aprender a aprender, e é assim que a gente aprende no mundo de hoje, caçando esses conteúdos e descobrindo quais deles são adequados, quais são confiáveis e quais são mais interessantes para o nosso aprendizado. Então, eu acho que é hora de a gente ir além do livro didático e se abrir para o mundo para aprender.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Muito obrigado, Mariana. E aí, para a gente encerrar a mesa, a mensagem final. Verônica, Mariana, a mensagem final para quem está nos assistindo.

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Vai lá, Verônica.

**PARTICIPANTE: VERÔNICA CANNATÁ:** Agradecer, mais uma vez, ao convite, agradecer à Mariana por esse trabalho maravilhoso do EducaMídia. Continuem. Nós precisamos de trabalhos como o de vocês. Deixar um pedido aqui, para que os pais olhem essa questão digital, que a formação digital de um ser que vai interagir na sociedade, ela está no tripé da escola, mas está também no tripé da família. Cuidado com o abandono digital. O que é isso? Às vezes, a gente está tão imerso dentro do nosso home office, dentro das nossas questões que a gente acha que o nosso filho está tranquilo ali no quarto, físico seguro, e ele está navegando por uma praça pública que talvez ele tenha uma ingenuidade digital que possa colocá-lo em risco ou em exposição desnecessária, ou ele pode estar infringindo alguns dos riscos em relação ao próximo.

Aos professores, dizer que eu me solidarizo, porque não é fácil lidar com todas as dificuldades que nós estamos tendo e também estar dentro de uma sala de aula que não é a que nós estamos acostumados. Não é o nosso território, a nossa sala, as nossas carteiras. Nós temos alunos em casa, nós temos alunos na escola. Eu estou falando da minha casa ou eu estou falando da escola para o aluno que está em casa. Então, esse momento que nós estamos vivendo, ele é muito complexo. E ter a cultura digital



dentro do currículo, não é porque está na BNCC, é porque é uma necessidade de mundo. Tudo, hoje, está aportado nas tecnologias. Tem muita coisa boa. Graças à Internet, a gente consegue aprender e ter acesso a materiais riquíssimos, mas também a gente tem muito lixo digital, que a gente precisa saber fazer uma curadoria e manter a orientação para os nossos alunos do que pode e o que não pode. É aquela regra, quais são os meus direitos mesmo? A gente responde: Quais são os seus deveres mesmo? E aí, a gente vai trazendo um equilíbrio.

Eu deixo o meu contato. Eu adoro dialogar com professores, cidadania digital é um tema que me interessa muito, e que a gente possa continuar esse diálogo nas redes sociais. Obrigada, Guilherme.

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Bacana, Verônica, dicas muito importantes. Eu queria, na verdade, finalizar com duas mensagens para os educadores que estão presentes aqui e os que vão assistir a gente depois. Em primeiro lugar, é muito importante, a essa altura do campeonato, que a gente se anime, se abra para aprender junto com os alunos, para explorar o mundo junto com os alunos. Eu acho que a gente precisa ter a coragem de permitir a criatividade. Uma vez eu vi uma placa linda que dizia assim: “Toda escola devia ser uma escola de arte”. Eu acho que no sentido do exercício da curiosidade, não é da criatividade. Bom, eu sou designer, eu tenho uma paixão natural por isso. E eu li uma vez uma frase maravilhosa de um casal de educadores americanos, e eles falam o seguinte: Uma sala de aula de editores, designers, produtores, fotógrafos, pode não ser muito natural... jornalistas, pode não ser uma visão muito natural para os educadores treinados formalmente, mas é muito mais natural para a nossa maneira de aprender, a nossa maneira de aprender a explorar e criar. Eu acho que a gente precisa se abrir para fazer isso junto com os alunos.

A segunda coisa que eu queria dizer é que nesse momento de profundas



transformações, aceleradas, inclusive, pela pandemia, da nossa prática, nossa prática da sala de aula, das nossas possibilidades tecnológicas, da imposição da tecnologia, desse mundo de cabeça para baixo, dessa aceleração das transformações, é importante que o educador saiba que ele não está sozinho e que ele não precisa aprender sozinho. Procure as comunidades maravilhosas de aprendizado entre pares que têm se formado por aí. O EducaMídia é uma delas, mas é apenas uma delas. Nós temos grupos, nós fazemos formações, tem as nossas redes sociais. A gente quer compartilhar recursos, a gente quer, inclusive, que educadores possam inspirar outros educadores. Mas tem várias outras comunidades; tem o pessoal do Amplifica, tem uma série de oportunidades para você se conectar com outros educadores e aprender com as práticas dos outros. Eu acho que a gente aprende muito melhor em comunidade, e isso não vale só para os nossos alunos, isso vale para a gente também. Então, participem de comunidades de aprendizado, porque, como a Verônica falou, uma das belezas da Internet, uma das formas contemporâneas de estar no mundo de aprender é assim, em comunidade, em colaboração, e se a gente está querendo ensinar os alunos a fazer isso, a gente precisa entender que a gente precisa fazer isso também enquanto educadores.

É isso. Eu vou colocar aqui o meu contato, vou pedir para colocarem no chat.

**MODERADOR: GUILHERME FORMA KLAFKE:** Isso, Mariana, a gente coloca. Mariana, Verônica, muito obrigado.

O pessoal aqui da organização, a quem eu já agradeço, de antemão, vai colocar aqui no chat para quem está acompanhando. Para quem está ao vivo com a gente, a gente vai ter a nossa segunda parte da conversa de hoje justamente sobre direitos e como proteger os direitos das pessoas no ambiente digital. O pessoal mencionou direito à imagem, por exemplo, é uma das questões que estão angustiando muita gente no ensino on-line. A gente vai ter a próxima mesa no outro link. O pessoal da organização



já colocou o link aqui no chat. Para quem está assistindo não ao vivo, está na descrição o link. E aí, eu vou passar para a próxima mesa. Agradeço muito a quem esteve com a gente até o momento, e até uma próxima. Tchau-tchau.

**PARTICIPANTE: MARIANA OCHS:** Obrigada, pessoal. Obrigada. Obrigada, Guilherme.



## **SAIBA MAIS:**

### **PROJETO FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM DIREITOS HUMANOS DIGITAIS**

O projeto consiste em um programa de formação em direitos humanos digitais para educadores do Ensino Médio e do Ensino Fundamental II. Seu principal objetivo é aumentar a quantidade de professores e estudantes engajados em atividades sobre o tema no município de São Paulo e, em um segundo momento, no Brasil. Esse programa de formação já disponibilizou cursos online sobre uso consciente e responsável da internet. Atualmente o projeto está trabalhando na construção de um repositório de casos sobre Direitos Humanos Digitais, com o objetivo de compartilhar situações envolvendo direitos humanos digitais que acontecem com educadores, estudantes e comunidade escolar em geral. O repositório contará com exemplos de casos, orientações sobre como agir em situações semelhantes, vídeos com especialistas comentando sobre eles e também um guia interativo de orientação sobre direitos humanos digitais.

### **CENTRO DE ENSINO E PESQUISA EM INOVAÇÃO (CEPI)**

O Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação (CEPI) surge de uma experiência de 10 anos de diversas atividades ligadas a ensino e pesquisa na FGV Direito SP. Foi criado a partir da fusão entre o Grupo de Ensino e Pesquisa em Inovação (GEPI), braço da escola dedicado ao debate sobre a relação entre o direito e novas tecnologias, e o Núcleo de Metodologia de Ensino (NME), braço dedicado à formação docente, metodologia de ensino e ao desenvolvimento de estratégias de ensino para habilitar os alunos às exigências profissionais do século XXI. Nossas atividades visam a promover: (i) a expansão da inserção de debates sobre o direito e novas tecnologias nos currículos de cursos jurídicos de graduação e pós-graduação; (ii) a intensificação dos impactos gerados pela pesquisa realizada dentro da instituição; e (iii) a qualificação do debate



público e a contribuição de subsídios a decisões judiciais e leis e regulamentos sobre questões relacionadas à agenda de Direito e novas tecnologias.

## **FGV DIREITO SP**

Fundada em 2002, a Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV Direito SP) foi pensada e planejada para oferecer um ensino jurídico inovador e de alta qualidade capaz de formar profissionais preparados para enfrentar as complexas demandas jurídicas da sociedade contemporânea. Trata-se de uma escola comprometida com práticas inovadoras tanto no ensino, ao utilizar métodos participativos, quanto na pesquisa, ao conduzir estudos empíricos e interdisciplinares com o objetivo de fortalecer as instituições brasileiras e melhorar o ambiente regulatório a partir do interesse público e do desenvolvimento do país.

## **CONTATO**

### **PROFA. DRA. MARINA FEFERBAUM (Coordenadora)**

[marina.feferbaum@fgv.br](mailto:marina.feferbaum@fgv.br)

Doutora (2016), Mestre (2009) e Graduada (2006) em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). *Learner designer (Kaospilot)*, coordenadora da área de Metodologia de Ensino e do Centro de Pesquisa e Ensino em Inovação, ambos da FGV Direito SP. As linhas de pesquisa abrangem direitos humanos, sistema jurídico africano, ensino jurídico brasileiro, métodos de ensino e tecnologia. Na FGV Direito SP, também coordenou o Observatório do Ensino de Direito e cursos de pós-graduação lato sensu. Foi professora da pós-graduação nas disciplinas de metodologia científica e internacionalização das áreas jurídicas. Já publicou e organizou diversas obras sobre direitos humanos, ensino jurídico e metodologias participativas de ensino, além de ministrar cursos de formação docente pelo Brasil.



**GUILHERME FORMA KLAFKE (Líder de Projeto)**

[guilherme.klafke@fgv.br](mailto:guilherme.klafke@fgv.br)

Líder de projetos e pesquisador do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da FGV DIREITO SP. Doutor (2019) e Mestre (2012-2015) em Direito Constitucional pela Universidade de São Paulo. Professor do programa de pós-graduação lato sensu da FGV DIREITO SP. É colaborador da Sociedade Brasileira de Direito Público desde 2011, onde coordenou a Escola de Formação Pública (2017). Foi professor de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (2017-2018). Coordena e desenvolve pesquisas nas áreas de Direito Constitucional, Jurisdição Constitucional, Ensino Jurídico, Ensino Participativo, Direitos Humanos Digitais e Filosofia do Direito.

**DEÍSE CAMARGO MAITO (Pesquisadora)**

[deise.maito@fgv.br](mailto:deise.maito@fgv.br)

Pesquisadora do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da FGV DIREITO SP. Doutoranda (2018-2021), no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP). Mestra (2017), pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP-USP). Advogada (2015), formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É coordenadora do Grupo de Estudos em Formação Docente e Metodologia do Ensino do Direito da FDRP-USP, desde 2018. Desenvolve pesquisas na área de Direitos Humanos, Educação, Saúde e Gênero.

